

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

José Pedro Barata

registada em 2009-02-09
por

Carla Aguiar e Cláudia Simões

José Pedro Barata

José Pedro Barata nasceu na Mourísia a 16 de Junho de 1922. É o quarto dos cinco filhos de António Barata e Maria da Assunção. Da casa dos seus pais, onde vive até hoje, recorda o colchão de palha “mais saudável do que agora”. Passou a sua infância dividido entre a ajuda aos seus pais no trabalho do campo e o jogo do botão nas brincadeiras de rapazes. Quando a escola chegou, José Pedro já com idade a mais, não foi aceite. No entanto, com o pai e os irmãos aprendeu as letras que ainda hoje sabe fazer, que “não tem rabo nem cabeça”. O namoro com a esposa “não foi filhós nenhuma que se virasse logo”. Engraçou com ela e dispensado das cartas de namoro, pelos pais de Maria dos Anjos, casaram no Tojo. Após 18 anos numa fábrica de moagem, na Cova da Piedade, regressa para a Mourísia, para “fazer vida ao pé da mulher”. Hoje mantém ainda a vida do campo, “cavar terra, semear renovo, umas batatitas, uma hortazita, roçar mato e tal”.

Índice

Identificação José Pedro Barata.....	4
Ascendência António Barata e Maria da Assunção.....	4
Infância Tempos de criança.....	4
Religião Doutrina em Pomares.....	5
Educação "Não tem rabo nem cabeça".....	5
Namoro "Fui lá mesmo ter à terra dela".....	5
Casamento Entre o Tojo e a Mourísia.....	6
Percurso profissional Uma temporada para fora.....	6
Lugar A terra do antigamente.....	6
Costumes A Mourísia noutros tempos.....	8
Quotidiano Carga de trabalho.....	12

Identificação *José Pedro Barata*

O meu nome é José Pedro Barata. Nasci na Mourísia a 16 de Junho de 1922.

Ascendência *António Barata e Maria da Assunção*

Os meus pais já morreram. Era António Barata e Maria da Assunção. Faziam o que eu faço agora. Cavar terra, semear renovo, assim umas batatitas, uma hortazita, roçar mato e tal.

Lembro-me da casa dos meus pais que era onde eu estou a morar. Era como é agora. Só agora está rebocada e mais nada. A cozinha era em parede também de pedra. Não havia fogão a gás nesse tempo. Agora é que há. Era a lenha. À volta da casa dos meus pais não tinha terrenos nenhuns. Onde se tinha os bocados era desviado do povo. Onde se tinha e temos ainda.

Irmãos eram três, eu quatro e uma irmã cinco. Cada um tinha o seu quarto. Está claro, dois ou três. Outros eram mais novos, estavam às vezes no berço ainda.

O colchão era bom. Era mais saudável do que agora. Era palhazinha de centeio, limpinha, dentro de um colchão. Com umas tabuinhas boas por baixo, enxutinhas. Não é como agora que é de arames, é disto, é daquilo. Agora põem-se logo podres.

Infância *Tempos de criança*

Eu ajudava os meus pais. Até a mulher eu ajudo agora, quando posso. Ajudava tudo o que podia. Roçar mato. Os animais eu ia botar-lhe de comer quando era de manhã.

Crianças havia mais que há agora. Agora é que não há nada, a bem dizer. Quando era novo brincávamos todos juntos. Era na rua. Assim aí num sítio qualquer que fosse jeitoso. Brincadeiras de rapazes. Havia o jogo do botão. Era um buraquinho que havia, a ver qual é que lá botava o botão. Botões da roupa, desses botões maiores. Não era dos pequenitos.

"Roupa que defendia do frio"

A roupa era daquela que defendia do frio. Era boa, de lã. Aquilo é que era bom. Não é como agora. Só se vê é trapos. Deixam entrar o ar e não são quentes, macias. Tinha botas e tinha tamancos. Naquele tempo até se usava era tamancos quando estava mais frio. São mais quentes. Um tamanco é madeira por baixo e é por cima o cabedal. Chama a gente o cabedal. É de bois e de vacas. Isso é que era bom. Não era de plástico como agora. O plástico não deixa entrar a água, mas é frio.

Religião *Doutrina em Pomares*

Fui à doutrina. Era em Pomares. Ia a pé. Gastava duas horas ou mais a andar só para um lado, só uma ida. Depois de lá à Mourísia gastava-se mais tempo que era a subir. Quem dava a doutrina eram lá as senhoras que estavam entregues a darem a explicação, a ensinar.

Educação *"Não tem rabo nem cabeça"*

Nunca fui à escola. Não havia professor. Quando veio professor já não me aceitavam na escola por ter idade a mais. Sei fazer umas letras, mas são umas letras que "não tem rabo nem cabeça". Nem todos as percebem. Aprendi de ver o meu pai ensinar o meu irmão e outros mais. Andavam na escola e ele ensinava-os e eu via. De estar a olhar aprendi. Posso dizer que não é nada. Via e aprendia assim. Pouco adianta, ou nada. Eu não sei escrever como deve ser. Não sei escrever nada.

Namoro *"Fui lá mesmo ter à terra dela"*

A minha esposa chama-se Maria dos Anjos. Conheci-a já há muitos anos. Foi até cá na terra, na Mourísia. Ela primeiro não era de cá. Era do Tojo. Vi-a e engracei com ela. Perguntei o nome dela. Aquilo não foi rápido. Aquilo não foi filhós nenhuma que se virasse logo de um lado para o outro. Levou tempo. Já a tinha visto mais que uma vez e depois fui lá mesmo ter lá à terra dela. Não escrevi carta nenhuma. Fui lá. Não foi logo de propósito, mas foi quase. É verdade. Eu

falei primeiro com os pais dela. Até fui aos pais para perguntar o nome dela, que era para lhe escrever, mas não lhe cheguei a escrever. Diz-me assim logo o pai:

- "Você vá lá, não vale a pena estar a escrever. Quero que você vá lá."

E não escrevi. Não escrevêramos carta nenhuma um para o outro, nada. Pedi em casamento a ela. Os pais não mandavam nela nisso.

Casamento *Entre o Tojo e a Mourísia*

Onde casáramos foi no Tojo. Na terra dela. Lá é que se fez o casamento. Foi lá o padre receber a gente. Os convidados que eram da Mourísia depois foram lá também. O meu irmão tem uma carrinha que levava uma data deles. E ainda a tem.

Na altura casáramos, ainda estive uma temporada no Tojo. Depois daí a uma temporada, uns dois anos, viéramos para a Mourísia. Ficaram lá os pais dela e eu vim para cá. O meu pai ainda era vivo. A minha mãe, essa já tinha morrido.

Tive um filho. Está na Alemanha. O meu filho foi à escola na Moura. Não estudou mais porque não quis. Eu por acaso queria que ele estudasse. Ele não quis, o problema foi dele.

Percurso profissional *Uma temporada para fora*

Trabalhei sempre no campo. Era cavar terra, ir ao mato, semear renovo. Semeava milho e batatas, feijão, hortaliça. Uns mimos.

Depois de casado calhei de sair. Fui para a Cova da Piedade e Almada. Teve aí uma temporada que ia-se aí para fora. As pessoas entendiam que se governavam melhor lá. Na Mourísia não se arranjava a vida tão boa como por lá. Há fábricas, há isto, há aquilo. Lá trabalhei em mais que uma coisa. Trabalhei nas obras, quando estava solteiro. Tinha aí uns 20 anos. A minha colaboração era dar serventia a pedreiros. Depois de casado já foi só na fábrica. Fui para a Cova da Piedade trabalhar lá numa fabricazita de moagem, a moer grão. Era centeio e trigo. Era isto que moía. Estive lá para aí uns 18 anos. Nem muito mais nem muito menos. Já lá tinha ido estar uns anos antes de casar. Mas não me lembra. A minha mulher nunca foi para lá. Mesmo casado não foi para lá. Fui sozinho. Ela ficou a tratar da vida. Voltei, para a Mourísia está claro. Fazer vida ao pé da mulher também. Não era ela estar sozinha sempre. Assim não valia a pena então a gente estar casados. Era como que estivéssemos solteiros. Eu gosto mais da Mourísia. Estou à minha vontade.

Lugar *A terra do antigamente*

Tempos de mudança

Havia mais pessoas. Dantes havia mais e bem mais, em qualquer terra. Há terras que nem têm, a bem dizer, nenhuma. E a Mourísia ainda tem. A terra da minha mulher nem tem já lá ninguém.

Os terrenos à volta não é como antigamente. Antigamente era tudo cultivado e agora não. Há muitos que acamam, não podem. Já estão como eu, velhos como os trapos. Os trapos são velhos e as pessoas sendo velhas também são como os trapos.

Gosto mais de estar na Mourísia do que se fosse para outro lado onde não se pudesse fazer nada. Faz bem a gente mexer enquanto puder. Que a gente se não mexer torna-se torto das pernas, disto e daquilo. Se a gente se mexer, está claro, parece que até anda melhor.

Quando estava tudo amanhado era pior. Havia mais fome. E de hoje para amanhã não sei se não virá a dar isso. Pois é. Isto não se vê a coisa para melhor. Vê-se bem que isto que não está nada bem. Só um cego é que não vê. De hoje para amanhã não sei o que virá a dar.

Água e luz

A água ia buscar a um fontanário que há para todos, é público. Ia-se a pé buscá-la com umas vasilhas de barro, umas cântaras ou uns cântaros. Trazia um cântaro aí de quase 20 litros. Conforme a vasilha. Trazia-se ao ombro ou na mão. Sendo pequena trazia-se na mão, sendo maior era ao ombro. E as mulheres era à cabeça. Faziam uma rodilha, traziam à cabeça. Era só aquela fonte e chegava. Só no Verão, quando havia "sequeira" é que era pior. Tinham que estar à espera até que o outro enchesse. E outros até iam mais longe. Na Mourísia tinha muita água no fontanário. Mas é boa. Melhor que a canalizada que cai no largo. Muito melhor.

Para regar faziam, uns chamam umas levadas, outros eram regos. Conforme, porque a água não era canalizada. Aquilo estava dividida. Cada um tinha as suas horas. Uma era por horas, outras por dias. Felizmente não me lembra que cá houvesse guerras por causa da água.

Lavavam a roupa no lavadouro. Naquela altura, não havia tanques, que eu me lembre. Lavavam num lavadouro, em volta tem umas pedras. A pedra

estava revirada e a água ia para dentro. O lavadouro era ao fundo da povoação. Antigamente iam lá lavar. Outras arranjavam-se conforme entendiam que se podiam arranjar melhor e que lhe convinha melhor.

Luz também não havia. Era candeeiros de petróleo. Uns era de uma maneira outros era de outra. Eram uns candeeiros feitos de folha e outros era de outra maneira, conforme. Era só o petróleo.

Costumes A Mourísia noutros tempos

Natal, Janeiras e Páscoa

O Natal aqui antigamente era melhor que agora. Era com boa saúde e comer. Iam buscar cepas dos pinheiros. Ajeitava-as aí num monte, toca a botar-lhe o lume. Estava até acabar de arder. Ninguém dava prendas. Davam aos novos, aos velhos não. Isso toda a vida tem dado. O comer era o que calhava.

As Janeiras eram diferente de agora. Isso já acabou há muito. Iam pedir coisas de comer. Eram umas castanhas secas, piladas.

O folarzito isso é pela Páscoa. O padre pela Páscoa ia às casas. Ia lá fazer o dever dele. Fazer as rezas dele. Não é como agora que mete criados, não vai. Na casa das pessoas havia os queijos que punham lá. Toda a gente dava. Agora nem há queijos. Ele quer é dinheiro.

Festas de Verão

Na Mourísia não há igreja, há capela.

Os santos, não sei o nome de todos. Um é Santo António. Outro é a padroeira da capela. É a Senhora da Assunção. Fazem festa todos os anos. Há anos que é de uma maneira, outros anos é de outra. Nunca bate certo. Há muita coisa, mas não me lembra de tudo. Música é raro. Às vezes pode ser de um lado, outros anos é de outra. Nunca é certo. Se fôr sempre a mesma, as pessoas já sabiam o que era, vinham menos. Assim, vir um ano uma de um lado, outra do outro, vêm mais. Para verem se é melhor se é pior.

Milho, moinhos e porcos bravos

Cultivávamos milho. Semear o milho leva muita volta. É preciso cavar a terra primeiro, ter o estrume para enterrar. Depois, cava-se, semeia-se. Está

claro atope-se. Naquele tempo até era com bois. Agarrava-se, espalhava-se e ficava quase tudo enterrado com a grade. Eram bois a puxar a grade e era o arado a lavar. Ficava quase toda enterrada. A que ficava desenterrada, agarrava-se num pauzinho, da nossa altura ou mais alto um bocado, aguçado para fazer o buraquinho ao pé do grão e o grão caía para o buraco que se fazia com o carvalheiro, chamava a gente, de um pinheiro novo, pequenino. E era assim. Depois sachava-se, enleirava-se com o estrume. Botava-se estrume por cima dele. Depois começava-se a regar até ele se criar "pia fora"¹.

Ele estando criado, estando maduro, apanhavam o milho. Partíamos a espiga e depois vinha para casa. Punha-se lá num canto, lá donde se queria escarpelar. E tirava-se chamava a gente o folho. Uns era o folho, outras terras era outro nome. Cada terra tem seu uso, cada roca tem fuso. Depois é que se malhava, com um cacete. Malhava-se o milho com paus grossos. Mas não era muito mais de 1 metro. Na debulha havia muita gente, mas não era como nalguns lados. Não cabia muita gente assim para debulhar. Isto era só a debulhar o milho. A descamisar não. A descamisar cada um fazia o seu, a bem dizer. Era assim como é agora. Quase cada um malhava no seu. Depois ia-se limpar. Botava-se ao vento para o vento limpar. Não era como agora. Agora há umas máquinas para limpar. Eu até tenho uma.

Depois de malhado e seco o milho era para moer no moinho tocado a água. Não era a electricidade. Agora é que são quase todos a electricidade. Mas nós naquele tempo, aqui na Mourísia, era tudo a água. Até a farinha era melhor. Melhor que agora tocado a electricidade. Aquece não é tão bom, tão gostoso. Nem fica aquilo tão bem.

Vinha já com a farinhinha para cima, toca a amassar numa, chamava a gente, a gamela. Fosse lá uma mulher ou fosse um homem, peneirava-a e depois de a peneirar, botava-lhe ali um pinguinho de água e um crescente, o fermento. E era assim que se fazia a broa e toca a comê-la "pia fora". Essa era a volta melhor que se lhe dava. Era comê-la. Não se dava volta tão boa como aquela.

Agora por via dessa bicharada que vem estragar o milho, deixei de semear milho. A bicharada, esses porcos bravos, que chamam nalguns lados, chegam ao milho já criado, já com grão e devoram aquilo. Eu ainda semeava, ainda continuava. Ele ainda se me não acabou porque havia um reforço de uns anos para os outros. Foram-me lá a um bocado que eu tinha bom, devoraram-me tudo no meio. Eu chateei-me com aquilo digo assim:

- Nunca mais mulher. Não semeio mais nada. Então fazem-me um disparate destes?

E ela, está claro:

¹por aí fora

- "Olha, é melhor é."

Pronto, não se semeou mais nada. Também agora cada vez a gente pode menos. Com 86 anos quase, faço para Junho, por isso também já não posso muito.

"Carne mais gostozinha"

Animais havia ovelhas e cabras. Era para amassar o mato, comer a erva e darem leite. Aquelas que davam. Muitas não davam. Não eram ovelheiras. Não eram boas para leite.

Porco também havia. Matava-se na rua. Quem matava era o meu pai até. Desde que me começo a lembrar foi o meu pai. Era sempre de manhã para depois irem lavar as tripas. Matava-se e depois pendurava-se. Punha-se-lhe num bocado de madeira. Chamava-se um chamberil. Punha-se em cima dependurado.

Aquela carne era melhor que é agora. Punham na conserva aquelas que não eram para comer logo. Não havia frigoríficos nessa altura. Era salgadeira. A carne punha-se na salgadeira. Esfregava-se com sal. Tinha uma tampazinha. Ia-se tirando conforme se ia precisando de comer. Isso é que era carne mais gostozinha. Fazia melhor que agora.

As tripas eram para encher. Para se pôr umas de uma qualidade, outras de outra e outras de outra. Conforme as qualidades que queriam fazer. Umas chamavam-se de sangue, outras de morcela, outras de carne. As melhores eram as de carne. Essas chouricinhas é que eram boas. E mesmo farinheiras gostozinhas e tudo isso. Agora vai-se comprar aí a um lado qualquer, não prestam para nada. Sejam de carne, seja farinheira. Para mim não tem valor. As chouriças guardavam-se em azeite numa panela. Chamava a gente uma panela de azeite. As panelas eram de barro vidradas por dentro. Enterrava-se ali no molho as que era para guardar a carne. O lombo do porco tirava-se. Também se arranjava. Punha-se dentro também de azeite. Aquilo tirava-se depois um bocadinho, era comer e chorar por mais. Agora isso que se compra não tem gosto que preste.

Tinha um caniço. O caniço servia para secar as castanhas. As chouriças era por baixo. Aquelas que eram para secar. As castanhas eram por cima.

"A maioria das vezes ia a pé"

O comércio não era como agora. Nem havia cá nada na Mourísia antigamente. Não havia comércio nenhum. Não havia cá Casas do Povo como a que está.

O peixe ia-se buscar às feiras. À feira de Côja, à feira de Arganil. Não era preciso ir todos os dias. Trazia-se de um dia para o outro ou para o outro, se fosse preciso.

Não havia transportes como agora. A maioria das vezes ia a pé. Eu ainda me lembra ir para Arganil a pé. Ir e vir. A pé ainda é um bocado. Traziam-se as coisas às costas, ao ombro, num saco, de qualquer maneira. Como se podia melhor. Não havia outra solução. Não sei o tempo que demorava, mas demorava-se bastante. Duas horas para cada lado não chegavam. Hoje nem lá chegava a pé.

Estradas de carros, para andar os automóveis, não havia. Só a pé e carros de bois. Buscar mato, buscar lenha, eram os bois. Eram dois bois a puxar a canga de madeira. Era um carro com duas rodas. Tinha um taipal por cima, aquilo em volta, dos fogueiros. Traziam ali um poder de lenha ou mato, o que fosse preciso. A lenha era para queimar, para a gente se aquecer, fazer de comer, para a cozinha.

O correio era um estafeta que andava com umas malas ao ombro, às costas. Tinha várias caixas. Como tem agora umas caixas, enfiava e ia-se embora. Não andava a distribuir de porta em porta como agora. Era a pé. Lembra-me mais do que um. Os da Mourísia era só ir buscar e levar ao Sobral Gordo. Mais nada.

Mezinhas e chazadas

O médico vinha cá quando um homem não pudesse andar. Não era como agora. Agora há carros, toca a andar de qualquer maneira. Não era de qualquer maneira. Primeiro, tinham que ir a pé. Tinha que lá ir ao médico. Antigamente era uma chazada de umas ervas que eram boas. Um tinham um nome, outras tinham outro. Faziam melhor do que fazem agora estas coisas da farmácia. Isso é pior, é mais doentio. Eram umas malvas para uma coisa, havia outras ervas para outra, outras para outra. Muitas ervas boas para curar e mais saudáveis que agora. Agora anda tudo podre.

Mel havia mais que há agora. Faz bem à garganta, em jejum de manhã. Tem de ser em jejum. Para fazer bem é assim. Agora não sei quem tenha. Há um homem na Mourísia que há-de ter umas colmeias.

O Castanheiro da Memória

O Castanheiro da Memória agora não tem lá castanhas. O Castanheiro é meu, o cepo. É da minha propriedade. Não tem nada de especial. Para mim não tem valor nenhum. É grosso. Aquilo tinha de especial era se não estivesse podre por dentro, oco. Tem janelas, portelos. Não é nada de especial aquele tronco ali assim. Para mim não é nada de especial, mas eles acharam graça, pronto. Não o

posso é cortar. Isso não. Cortar umas pernas que vão secando, ainda é como o outro. Agora o resto não. Não lhe posso lá mexer.

Quotidiano *Carga de trabalho*

Na minha casa agora está lá a minha companheira, a mulher. Fazemos o que calha. Semear terra para umas batatitas, uns feijões, uma horta. Milho já não por via dos bichos que estragavam tudo.

Animais não tenho nenhum. E não estou arrependido de acabar com tudo. Tínhamos cabras e ovelhas. A primeira coisa a acabar foi com as cabras, depois foi com as ovelhas. Acabou-se, foi uma beleza. Não se anda apanhar frio a ir tratar delas. Eu não as tinha no povo. Era adiante, para cá do Castanheiro da Memória. Agora se as tivesse era uma carga de trabalho. Uma pessoa com uma certa idade, ir para lá, estivesse frio ou vento, tinha que ir tratar delas. Chegava-se a hora de as tratar, tinham que se ir tratar. Tem que se ir tratar e o sacrifício que eu passava para as ir tratar. A minha mulher também ia muitas vezes. Não era só eu. Era o que calhava. Eu ajudo-a naquilo que posso e ela também ajudava naquilo que podia. Era assim. Lá nisso, é uma maravilha.

O que faço chega para me entreter, por isso, não me interessa gostar de ver mais. Mudar a minha idade para mais novo é que eu gostava. Se pudesse ser, mas não pode ser.